

**CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA:
A CONTRIBUIÇÃO DO PAISAGISTA ROBERTO BURLE MARX**

Ricardo Alexandre Paiva

Arquiteto e urbanista, Mestre e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP
e-mail: paiva_ricardo@yahoo.com.br – Rua D. Antônia de Queiroz, 435/52 – São Paulo - SP
Tel: 11 21578880

Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Arquiteta e urbanista, Mestre e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP
Professora Assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC
e-mail: bhdiogenes@secrel.com.br – Rua Frei Mansueto 483 - Fortaleza-Ce
CEP: 60.175-070 – Tel: 85 – 3267 5550 – Fax: 85- 3366-7496

CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA: A CONTRIBUIÇÃO DO PAISAGISTA ROBERTO BURLE MARX

O presente trabalho trata do paisagismo moderno em Fortaleza, enfocando os projetos do arquiteto Roberto Burle Marx em obras públicas e privadas. As manifestações da arquitetura moderna surgiram em Fortaleza tardiamente e foram introduzidas por intermédio da atuação da primeira geração de arquitetos, inicialmente formados nas escolas de arquitetura do sudeste do País e do Recife e posteriormente por meio da produção dos profissionais egressos da Escola de Arquitetura de Arquitetura da UFC, fundada em 1965. O projeto de paisagismo, entretanto, na maioria das vezes, não foi incorporado às obras emblemáticas de arquitetura de feição moderna, ao contrário do que ocorreu em outros centros urbanos do Nordeste, como Recife e Salvador. A inserção e difusão do paisagismo moderno em Fortaleza resultaram da parceria do arquiteto Acácio Gil Borsóí com o paisagista Roberto Burle Marx, cuja produção se iniciou em jardins residenciais, ampliando posteriormente para obras públicas. Esforços recentes empreendidos por pesquisadores do Nordeste redundaram em significativa contribuição para a compreensão do legado de Roberto Burle Marx à arquitetura e ao paisagismo modernos em nossa região. Por outro lado, constata-se que apesar da vasta e diversificada literatura sobre a obra de Roberto Burle Marx, existem escassas referências acerca de suas obras em Fortaleza. É objetivo dessa pesquisa, pois, estudar a produção do arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx na capital cearense, enfocando duas obras de maior relevância, a saber: O Centro Administrativo do Banco do Nordeste do Brasil e a Sede do Grupo Empresarial J. Macedo. Nesse sentido, os resultados deste artigo buscam produzir um registro de suas obras, constando de dados históricos e técnicos, desenhos e imagens. A produção de Burle Marx em Fortaleza constitui importante acervo a ser documentado e justifica-se pela sua contribuição na difusão do paisagismo moderno na Cidade, bem como pela relevância da preservação deste patrimônio histórico, cultural e paisagístico da capital cearense.

Palavras-Chave: arquitetura e paisagismo moderno, Roberto Burle Marx, Fortaleza.

CAMINHOS DA ARQUITETURA MODERNA EM FORTALEZA: A CONTRIBUIÇÃO DO PAISAGISTA ROBERTO BURLE MARX

1 – ARQUITETURA E PAISAGISMO MODERNOS NO BRASIL: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM.

A compreensão do processo de formação e desenvolvimento do paisagismo moderno no Brasil é indissociável das manifestações do modernismo arquitetônico. Esta relação de origem se sustenta em alguns pressupostos em comum, a saber:

- A negação dos valores culturais dos movimentos historicistas do final do século XIX e início do século XX. Enquanto a arquitetura moderna condenava as práticas neoclássicas, ecléticas e neocoloniais, o paisagismo moderno nasce da recusa da disciplina formal e decorativa dos modelos dos jardins de caráter historicista, sejam das estruturas simétricas e geométricas de influência clássica, sejam das estruturas forçadamente naturais de influência romântica. Ambas as tendências foram importadas e adotadas de forma irrefletida como símbolos de uma pretensa modernidade, inclusive no uso de espécies vegetais exógenas, negando a paisagem local.

- A promoção da síntese entre tradição, representada pela herança cultural colonial, e modernidade, com a absorção das influências das vanguardas européias - devidamente condicionada à realidade sócio-cultural. Tal processo de transculturação se justificava pela necessidade de afirmar a identidade nacional, preocupação permanente do conteúdo programático da arquitetura moderna brasileira. No caso específico do paisagismo moderno, esta síntese se materializou, principalmente, por intermédio da utilização de exemplares da flora brasileira associados a arranjos compositivos mais abstratos de certa influência pictórica (sobretudo cubista).

Ambos os pressupostos foram movidos pela ânsia de colocar a arquitetura moderna e, como consequência, o paisagismo, como expressões culturais da identidade pretendida, com relevante significado social, pois:

Não resta dúvida que o empenho dos arquitetos foi decisivo para o fortalecimento do papel do paisagismo e a redefinição de conteúdos da disciplina no Brasil como nunca antes havia sido possível. Por outro lado, criou condições favoráveis para que surgissem paisagistas comprometidos com as causas modernas – caso de Mina Kablin Warchavchik e Roberto Burle Marx (DOURADO, 2001:81).

Nesta direção, podemos destacar dois exemplos emblemáticos que caracterizam a relação de origem entre a arquitetura e o paisagismo modernos no Brasil.

O primeiro se refere à residência do arquiteto russo Gregori Warchavchik na Rua Santa Cruz (1928) em São Paulo projeto de sua própria autoria. Considerada a primeira casa modernista no

Brasil, apesar das contradições na adoção dos princípios do racionalismo de matriz corbuseana, a composição da sua ambiência inovadora foi reforçada pelo jardim projetado pela paisagista e esposa do arquiteto Mina Kablin, que, em consonância com a estética moderna da residência e com economia de meios, introduziu uma vegetação menos densa e de características locais através da utilização de cactos, conferindo ao jardim uma conotação diferenciada em relação às características dos anteriores.

O segundo se refere à gênese da arquitetura moderna no contexto da reforma do ensino na Escola de Belas Artes empreendida por Lúcio Costa, que, ciente da importância de contextualizar a arquitetura à paisagem, estimula a vocação de Roberto Burle Marx pelos caminhos do paisagismo. As proposições modernas de Burle Marx se insinuam primeiramente na Residência Alfredo Schwartz (1930) no Rio de Janeiro, para depois ganhar uma dimensão mais ampla, quando passou a propor jardins públicos, junto à experiência singular da arquitetura moderna brasileira ocorrida no Recife sob o comando de Luis Nunes. Roberto Burle Marx transgride vários paradigmas até então em voga no tratamento de jardins públicos e privados, despertando uma nova visão da paisagem, por intermédio principalmente da valorização das qualidades intrínsecas das espécies vegetais brasileiras e articulação coerente com a arquitetura e o projeto moderno, característica efetivamente iniciada no Edifício do Ministério de Educação e Cultura (1937-45) no Rio de Janeiro.

2 – O PROTAGONISMO DE BURLE MARX

A projeção internacional da arquitetura moderna brasileira é devedora das contribuições de Roberto Burle Marx. A importância do paisagista para a arquitetura moderna brasileira transcende a suposta subordinação e complementação do projeto paisagístico ao edifício. Sua elevada contribuição à cultura artística, arquitetônica e urbanística coloca o paisagismo em um plano mais elevado de importância, ao pretender estabelecer uma relação diferenciada entre o homem moderno e a natureza, na medida em que o jardim responde a uma função social, que se funda na higiene, na educação e na arte (SIQUEIRA, 2001).

A sua visão de paisagem provém da sua formação humanista, visível em sua trajetória biográfica que se entrelaça à figura carismática do artista e paisagista. Sua profunda intimidade com a natureza e seu repertório cultural vasto e erudito convergem para intervenções conscientes na paisagem, implantando novos métodos e práticas de projeto.

Provavelmente, Burle Marx introduziu (...) mudanças nos procedimentos de trabalho sob a influência do que se operava em arquitetura, com a sistematização racional e a padronização das etapas de projeto, desde os estudos iniciais até o detalhamento completo, empreendidas pelos arquitetos modernos (DOURADO, 2001:87).

Freqüentemente seus jardins são analisados sob o ponto de vista pictórico, seja porque Burle Marx enveredou pelas artes plásticas, seja porque alguns de seus estudos de jardins se

assemelhavam a composições pictóricas abstratas. No entanto, é preciso admitir que embora as duas práticas (de artista e de paisagista) se alimentem reciprocamente, Burle Marx reconhece que o jardim não é uma cópia da natureza nem a reprodução mecânica dos procedimentos artísticos. Sob este aspecto, entende o jardim como uma elaboração com elementos naturais referenciados, segundo ele, nas “leis que orientam os problemas artísticos”, como “contraste, textura, relação entre volumes, harmonia e oposição de cores” (BURLE MARX, 1991). As especificidades dos jardins são reforçadas para ele quando revela: “Nunca pensei em fazer um jardim bidimensional, jardim sempre tem uma terceira dimensão. E outra coisa importante é a quarta dimensão: o tempo necessário para se observar esse espaço” (BURLE MARX, 1991).

As suas pesquisas no campo da botânica alertaram muito precocemente para a necessidade de uma consciência ecológica e ambiental, assunto da vez atualmente. Estas preocupações abrangentes de Burle Marx e a amplitude de sua atuação profissional fizeram-no um dos paisagistas mais importantes do século XX, sendo sua obra estudada e citada por estudiosos brasileiros e de vários outros países. No entanto, devido à quantidade de projetos realizados pelo paisagista, a literatura sobre a sua obra não deu conta ainda do estudo da diversidade de experiências e parcerias em vários lugares do Brasil.

3 – A INSERÇÃO DO PAISAGISMO MODERNO EM FORTALEZA: BURLE MARX E OS JARDINS DA RESIDÊNCIA BENEDITO DIAS MACEDO.

Em toda a sua trajetória profissional, Burle Marx desenvolveu diversos projetos na Região Nordeste, sobretudo na cidade do Recife, porém, diferentemente do que se sucedeu na capital pernambucana e a despeito do seu desenvolvimento sócio-cultural favorável ao desenvolvimento da arquitetura moderna, a cidade de Fortaleza recebe as influências modernistas tardiamente. Um primeiro conjunto de influências pontuais e incipientes se faz sentir na década 1950, com o retorno à terra natal de alguns arquitetos formados na Escola de Arquitetura na Universidade do Brasil, entre os quais Enéas Botelho, José Liberal de Castro e Neudson Braga. Um segundo momento pode ser identificado com a fundação da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, criada em fins de 1964 por alguns poucos arquitetos ¹.

A fundação da Escola serviu como ponto de inflexão na transformação da produção arquitetônica e na introdução da arquitetura moderna em Fortaleza. O curso de Arquitetura era reconhecido como o grande centro de referência cultural da Universidade e da Cidade (CASTRO, 1982).

A arquitetura moderna em Fortaleza se desenvolveu, portanto, a partir da atuação dos primeiros arquitetos da Cidade e dos egressos da Escola de Arquitetura. No entanto, na maioria dos casos, o projeto de paisagismo não foi incorporado ao arquitetônico, comprometendo o desenvolvimento

¹ A comissão responsável pela instalação da Escola de Arquitetura era formada pelos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga formados no Rio de Janeiro, Armando Farias e Ivan Brito formados no Recife, sob a liderança acadêmica de Hélio Duarte. Posteriormente, juntaram-se ao corpo docente os arquitetos Roberto Martins Castelo, formado na UNB e José Furtado da Rocha Junior formado na FAUUSP.

local do paisagismo, uma vez que não se constituiu nem uma cultura para a necessidade de tratamento paisagístico das áreas não edificadas, nem tampouco havia profissionais arquitetos especializados nesta prática.

Pode-se admitir, sem reservas, que a inserção do paisagismo moderno em Fortaleza se deu em condições bastante específicas: é fruto da parceria já consolidada em outros projetos no Nordeste entre o arquiteto Acácio Gil Bórsói e Roberto Burle Marx e constitui-se, sobretudo, de jardins residenciais privados voltados para a elite empresarial local, uma vez que a contratação de arquitetos de grande renome era vista como símbolo de status para estas famílias.

O exemplo mais emblemático desta parceria em Fortaleza foi o jardim da residência do empresário Benedito Dias Macedo, concluída precisamente em 1968, onde passou a funcionar posteriormente, em fins da década de 1970, a Sede do Grupo Empresarial J. Macedo ².

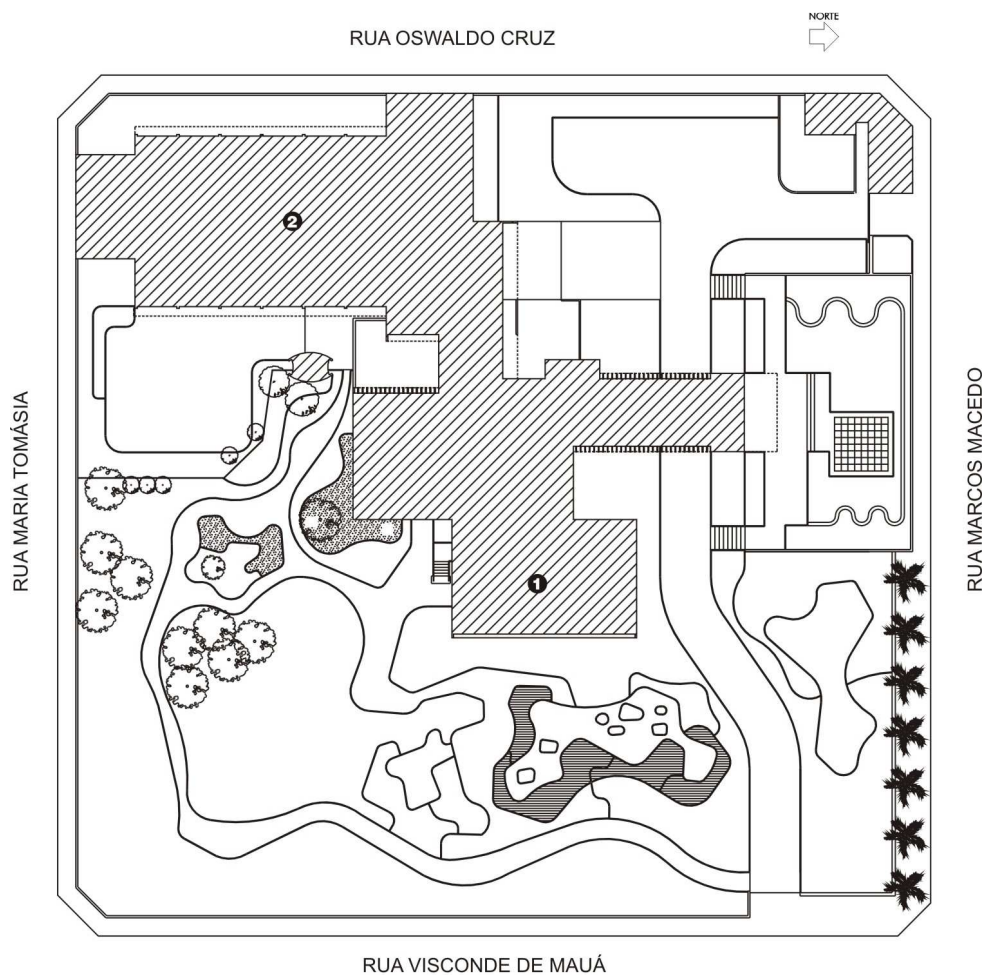
Com desenho elaborado, os canteiros sinuosos, a paginação do piso, os espelhos d'água, a criação de elevações na topografia e a vegetação que compõem o projeto são concebidos de forma a por em evidência a arquitetura da residência. A associação de linhas curvas e retas dos canteiros e espelhos d'água ³ contrapõem-se à ortogonalidade predominante da edificação, procedimento adotado com frequência pelo paisagista na maioria de seus projetos. Sendo assim os seus "(...) jardins realizam uma espécie de transição entre a arquitetura e a natureza, (...), promovem uma sorte de compensação sensual ao racionalismo da arquitetura moderna". (SIQUEIRA, 2001).

A introdução do paisagismo moderno em Fortaleza ocorre alheia às atividades dos arquitetos locais e se restringe a um ambiente demasiadamente privado. Esta primeira experiência erudita no campo do paisagismo, malgrado as suas qualidades intrínsecas, não repercutiu efetivamente e quantitativamente na Cidade. Acrescente-se a isto o fato de que, embora Burle Marx tenha concebido jardins públicos em Fortaleza, como no projeto para Avenida Aguanambi, Avenida Presidente Castelo Branco (Leste-Oeste) e Avenida José Bastos, todos em 1973, nenhum foi executado.

No início da década de 1990, Burle Marx elaborou seu último projeto na Cidade. Trata-se do Jardim Botânico de Fortaleza, localizado na Fazenda Raposo no município de Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza. "Esse projeto, ainda não executado, é relevante não só pelo seu potencial socioeconômico e qualidade plástica bem como pelas premissas ambientais e programáticas estabelecidas para o mesmo" (BEZERRA e MOURA, 2007).

² Com a mudança de uso, houve a necessidade de ampliação de área física e foi construído outro bloco no terreno (projeto também do arquiteto Gil Borsói), para atender ao novo programa. O bloco, com três pavimentos mais pilotis, ocupa a face oeste do terreno. O acréscimo, entretanto, não significou descaracterização do conjunto, que, ao contrário, conserva equilíbrio harmonioso, ao adotar a mesma linguagem da residência, diferenciando-se desta pela verticalização.

³ Elemento recorrente em seus projetos, Burle Marx sempre que possível utiliza o espelho d'água como "*lar botânico (...), criando um jardim aquático no qual poderá realizar verdadeiros quadros vegetais*" (LEENHARDT, 1994:29).



LEGENDA

- ❶ Residência Original
- ❷ Ampliação Verticalizada

Figura 01 – Planta de Situação Antiga Residência Benedito Macedo
 Fonte: Arquivo Pessoal Arquiteta Fernanda Rocha



Figura 02 – Vista Aérea Antiga Residência Benedito Macedo
 Fonte: Arquivo Pessoal Arquiteta Fernanda Rocha

4 – JARDINS DE BURLE MARX EM FORTALEZA

A atuação de Roberto Burle Marx em Fortaleza ⁴ se materializou em vários outros projetos. Ainda da parceria com Borsó surgiram os seguintes projetos: a sede da Receita Federal (1973) em Fortaleza, importante edifício da arquitetura moderna na Cidade, realçado pelo tratamento paisagístico dado à quadra no qual está implantado e a Vicunha Nordeste S.A. – Indústria Têxtil (1982), que assim como a Hering do Nordeste, busca humanizar, através dos jardins, os espaços fabris. Um projeto de grande visibilidade de Roberto Burle Marx, pelo seu caráter de uso coletivo, trata-se dos jardins laterais anexo ao Theatro José de Alencar, um primeiro projeto executado em 1973 e o atual, projeto de 1990, por ocasião da restauração do teatro. Este jardim constitui um espaço diferenciado na estrutura fundiária do entorno, contribuindo ainda para realçar a elevação lateral do edifício histórico tombado pelo IPHAN em 1964. O jardim cumpre importante ligação entre o pátio interno do teatro – que separa o foyer e a sala de espetáculos – e o ambiente urbano. Além da sombra criada pela vegetação arbustiva, um dos elementos de maior interesse é o muro posterior totalmente tomado por trepadeiras servindo de cenário para um pequeno palco para apresentações artísticas externas.

A partir de meados da década de 1980, Burle Marx será contratado, sobretudo para conceber alguns projetos residenciais: Residência Denise Pontes (1980), Residência Pio Rodrigues Neto, 1988; Edifício Portal da Enseada (1985), mas também outros corporativos como o Centro Empresarial Clovis Rolim Ltda. (1988) e hoteleiros como Hotel Colonial (1975), projeto do arquiteto José Liberal de Castro, recentemente demolido e o antigo Hotel Caesar Park (1990), atual Grand Marquise. O projeto dos jardins do Centro Administrativo do Banco do Nordeste, realizado na década de 1980, merece destaque pelo porte e pelo seu bom estado de conservação.

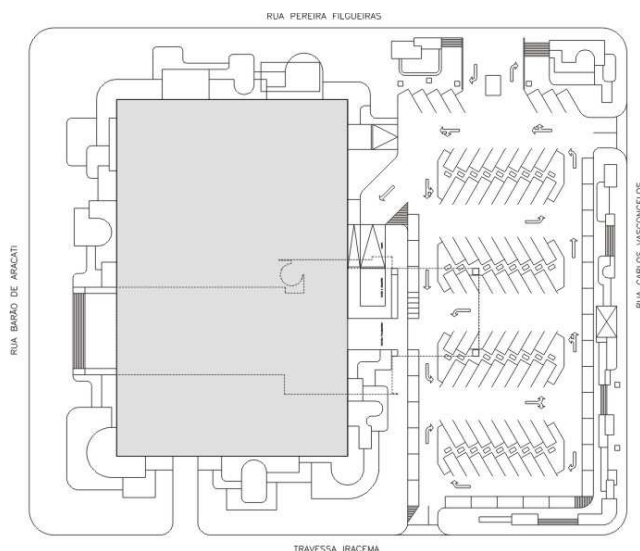


Figura 03: Situação Ministério da Fazenda de Fortaleza (1975)

Fonte: Acervo Arq. Walter Lobo (Ministério da Fazenda)



Figura 04: Jardins Theatro José de Alencar (1990)
Fonte: Acervo da Autora

⁴ As informações foram gentilmente cedidas pelo Escritório Burle Marx.

5 – OS JARDINS DO CENTRO ADMINISTRATIVO DO BANCO DO NORDESTE DO BRASIL

A implantação do Centro Administrativo do Banco do Nordeste em Fortaleza (1983/1984), no Bairro do Passaré teve como premissas a centralização das atividades administrativas da instituição e a necessidade de uma grande gleba de terra, uma vez que o partido arquitetônico requerido era horizontal. A solução adotada para setorizar a diversidade de funções administrativas diferenciadas resultou na implantação de blocos horizontais interligados por uma grande cobertura metálica. A extensa cobertura foi concebida para promover a integração dos diversos blocos, conferindo um sentido de unidade ao complexo e condicionada por questões de conforto, sobretudo a proteção contra a insolação.

O paisagista Roberto Burle Marx foi contratado na categoria de notória especialidade técnica e, em parceria com os autores do projeto arquitetônico⁵, Marcos Thé⁶ e Wesson Nóbrega, projetou os jardins das áreas sob a cobertura, assim como de todo o sítio. O projeto de paisagismo, sobretudo das áreas entre os blocos, contribuiu enormemente para criar a unidade tão desejada pelos arquitetos.

Os blocos foram concebidos racionalmente como um grande pavilhão de dois pavimentos (térreo e pavimento superior), estruturados modularmente em função dos pilares, vigas e esquadrias (alumínio e vidro) periféricos, permitindo grande flexibilidade nos lay-outs internos. Os apoios da estrutura metálica se localizam propositadamente dentro da malha estrutural dos blocos e se situam exatamente no eixo dos espaços entre os blocos. Em ambas as extremidades dos blocos foram situadas as áreas de copa, sanitários e shafts. A circulação entre os blocos é garantida por caminhos centrais e periféricos no térreo e por uma passarela metálica no pavimento superior, proporcionando uma integração funcional bastante eficaz e de forte presença plástica.

Os jardins se inserem entre os blocos como extensões verdes das áreas de trabalho, intermediados pelo balanço da estrutura de concreto que mais se assemelha a uma varanda, pensada para proteger os panos de vidro da insolação e como apoio para as jardineiras pré-moldadas de concreto (que infelizmente não foram construídas). Em contrapartida, os blocos se inserem nos jardins como se estivessem soltos do chão, uma vez que o pavimento térreo se eleva do solo e o jardim adentra sob o piso.

Os pátios entre os blocos sofreram diversidade de tratamento com relação à sua configuração inicial (paginação, canteiros, jardineiras e vegetação) em função dos níveis do terreno projetado. A diferenciação mais relevante nos jardins se encontra na praça central, onde se dá o acesso principal do complexo, com a subtração de um bloco, permitindo, assim, uma maior diversidade formal. A diferença de nível entre o acesso e a passarela central é vencida com escadarias e

⁵ A área total do terreno é de 26,50 ha, sendo 36.000m² de área construída, 18.000m² de área de jardins sob a cobertura e 20 ha de área projetada de jardins externos.

⁶ A maioria das informações acerca do projeto foram gentilmente cedidas pelo arquiteto Marcos Thé, em entrevista concedida ao autor em junho de 2007.

rampas intercaladas com canteiros de concreto e espaços de convivência intermediários, em um jogo formal abstrato e dinâmico, permitindo uma percepção diferenciada do jardim à medida que se eleva o ponto de observação. Nesta praça, lugar de caráter cívico para a instituição, a vegetação humaniza as formas predominantemente ortogonais dos caminhos, dos canteiros e da própria paginação do piso. A elevada altura da cobertura possibilita a inserção de espécies vegetais de médio porte, sobretudo palmeiras delgadas, em meio à vegetação rasteira dos canteiros.

No caso dos jardins entre os blocos, apesar da diversificação do desenho, é possível identificar certos pontos em comum, como: a permeabilidade no sentido longitudinal, através de caminhos lineares que são interrompidos por áreas maiores de permanência dotada de bancos; a paginação do piso, que obedece a uma modulação de placas de concreto de 0,50 x 0,50m moldadas em formas de fibra de vidro; a presença de totens metálicos como suportes para xaxins e vasos para plantas epífitas, (concebidos como elementos verticais se contrapõem à horizontalidade predominante dos blocos e favorecem a visibilidade dos jardins nas áreas de trabalho do pavimento superior, ratificando a sua visão de jardim como um espaço tridimensional); a predominância de linhas retas, associadas às segmentos de círculos e a utilização diversificada de canteiros com grama, cascalho e seixo rolado, proporcionando um tratamento heterogêneo nas texturas e cores do jardim.

Para além da área coberta, Burle Marx projeta os jardins do sítio como um grande parque, integrando as ruas internas, áreas de estacionamento e acessos em geral. É visível no seu projeto a preocupação em manter as espécies vegetais existentes e compor as novas em grupos, formando associações lineares mais orgânicas. Burle Marx utilizou amostras locais e provenientes da estufa do seu sítio, empregando plantas tropicais do Haiti e de outros países, principalmente as exuberantes palmeiras. Era proposta do paisagista criar uma estufa no próprio lugar para facilitar a manutenção e reposição das espécies vegetais, idéia que não foi levada a cabo.

Conforme o arquiteto Marcos Thé, projetista, funcionário e responsável pela manutenção do Centro Administrativo do BNB, os jardins mantêm as características originais do projeto, verificando-se poucas mudanças quanto à vegetação, principalmente na substituição das áreas gramadas por "jibóias"⁷. A manutenção é feita por aguação direta nas áreas internas entre os blocos e na externa é feita com o reaproveitamento total da água tratada, proveniente da estação de tratamento de esgoto por meio de bombeamento de recalque e pelo processo de aspersão pressurizada.

⁷ *Epipremnum pinnatum*

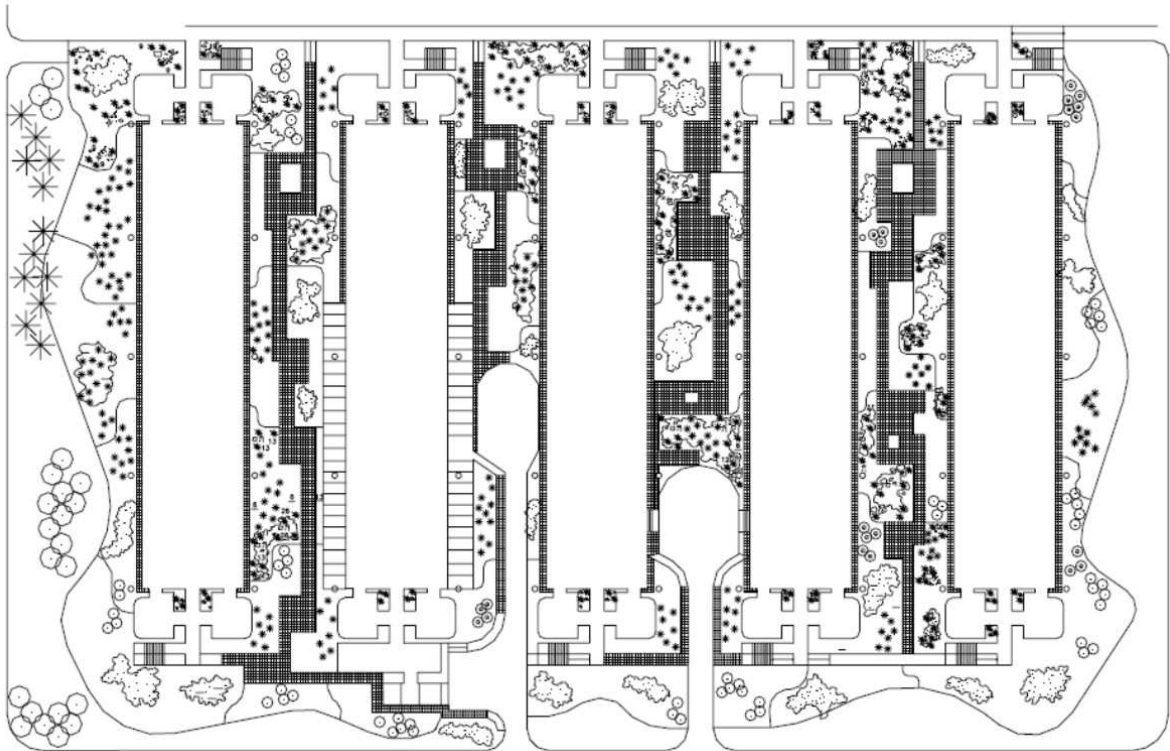


Figura 05 – Planta Jardins Blocos Centro Administrativo do BNB
Fonte: Banco do Nordeste do Brasil

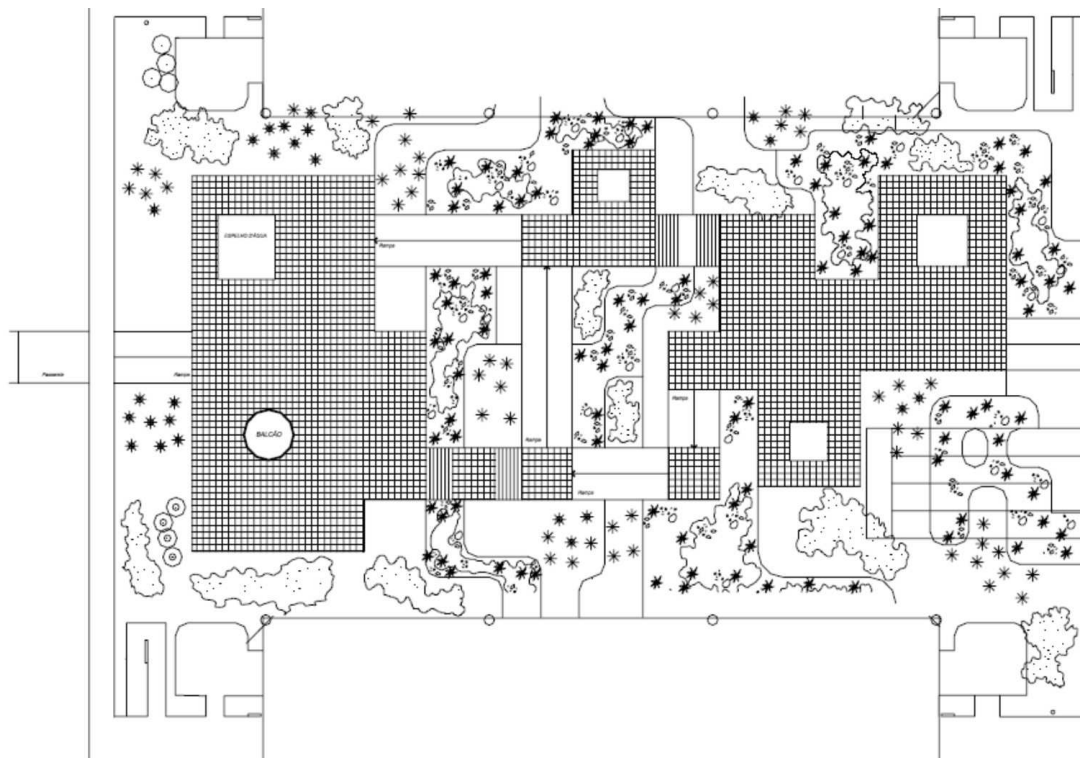


Figura 06 – Planta Praça Central Centro Administrativo do BNB
Fonte: Banco do Nordeste do Brasil



Figura 07 – Foto Jardins Blocos Centro Administrativo do BNB
Fonte: Acervo do Autor



Figura 08 – Foto Jardins Blocos Centro Administrativo
do BNB
Fonte: Acervo do Autor

Por fim, verifica-se que os jardins do Centro Administrativo do BNB são considerados pelos usuários como o prolongamento da arquitetura, proporcionando ambientes agradáveis que são apropriados como espaços dotados de significado e identidade. Neste sentido, os jardins cumprem uma função didática, na medida em que despertam nos usuários a presença da natureza em meio às atividades do cotidiano, contribuindo através dos seus atributos plásticos, porque não dizer artísticos, para a sua visibilidade e conseqüente preservação.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Roberto Burle Marx deve ser tomado como referência importante para o desenvolvimento do paisagismo em Fortaleza ao suscitar uma nova visão de paisagem, por intermédio principalmente da valorização das qualidades intrínsecas das espécies vegetais e da articulação coerente com a arquitetura. Vale salientar, no entanto, que o caráter privado de algumas obras, a falta de manutenção e conservação, as interferências nos jardins e a precária sistematização da documentação dificultam a compreensão do significado histórico, cultural e paisagístico da obra do paisagista em Fortaleza.

Enfim, a carência de estudos específicos e locais sobre a vasta obra de Burle Marx revela a importância da pesquisa, pois pretende, por intermédio do início da documentação deste acervo, contribuir para a sua valorização, conservação e preservação. O trabalho, ao registrar este legado, almeja ainda suscitar a criação de grupos de estudos no ambiente acadêmico a fim de produzir um inventário completo da obra de Burle Marx em Fortaleza.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Ricardo F. ; MOURA, N. B. . Burle Marx e a Fazenda Raposa - um projeto para o jardim botânico de Fortaleza. In: Paisagem na História - Jardins e Burle Marx no Norte e Nordeste, 2007, Recife. Paisagem na História - Jardins e Burle Marx no Norte e Nordeste, 2007.

CASTRO, José Liberal de. Ceará, sua arquitetura e seus arquitetos. In: Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense Vol. I, São Paulo, Projeto Editores, 1982.

DOURADO, Guilherme Mazza. Prelúdio do Paisagismo Moderno no Brasil. In: Revista Paisagem e Ambiente n. 14. São Paulo: Editora FAUUSP, 2001.

LEENHARDT, Jacques (org); Nos jardins de Burle Marx; São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

MARX, Roberto Burle. O prazer de viver e trabalhar com a natureza. [Entrevista de Burle Marx a Guilherme Mazza Dourado]. Projeto. São Paulo, n.146, p.58-63, out, 1991.

MOTTA, Flavio L. Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem São Paulo, Nobel, 1983.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. Espaços da Arte Brasileira - Burle Marx. 1. ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

Agradecemos aos professores Ricardo Bezerra e Fernanda Rocha, ao Escritório Burle Marx e ao arquiteto Marcos Thé pelas valiosas contribuições para a concretização deste artigo.